

A QUESTÃO DO INTEGRALISMO DIANTE DA HERANÇA FASCISTA

Jorge Zaverucha

Não estou afirmando nenhuma novidade quando lembro que não há uma definição universal para o conceito de fascismo. Ao longo dos anos, abundam as teorias que procuram explicar tal fenômeno político tão vivo e inquietante. Há os que tratam de associá-lo à uma doença moral ocorrida na Europa; outros o vêem como produto da sociedade capitalista em represália à avalanche proletária. Uns o ligam ao imperialismo territorial, enquanto alguns apostam na sua característica meta-política. E a discussão não fica por aí; há o enfoque psicossocial, sociológico e sócio-econômico. Discorrer sobre todas essas visões (e outras mais) seria fascinante, mas não é o escopo deste trabalho.

Apenas gostaria de frisar, que não devemos nos furtar a discutir o fascismo, simplesmente porque não temos uma definição exata a nível teórico, nem uma experiência empírica totalmente idêntica, a nível operacional. O desgaste sofrido pelo uso inadequado da palavra fascista (em geral usada pejorativamente), é o mesmo que enfrenta o conceito de democracia e socialismo. E ninguém nunca deixou de divagar sobre democracia e socialismo!

Se a ciência política, modestamente reconhece que não possui respostas globalizantes para determinados eventos históricos, pelo menos se satisfaz em mostrar o que não pode ser definido por inteiro. Este é um caminho válido. Negando hipóteses que tentem explicar definitivamente o fenômeno fascista, contribui sobremaneira para se tentar demarcar a própria questão. E a nossa questão, é lançar luzes sobre o Movimento Integralista, que é visto de um modo torpe, em geral, exatamente por ser percebido como um filho bastardo do fas-

cismo italiano. Quando escrevo, em geral, refiro-me evidentemente ao grande público que ao ouvir o nome fascismo, associa-o a Hitler e Mussolini, e categoricamente afirma que "isto não presta", deixando automaticamente de se preocupar com as origens do ocorrido.

Felizmente, no âmbito acadêmico, alguns importantes trabalhos trataram de dissecar o Integralismo, de acordo com a ótica de cada autor. Seria óbvio esperar que, se tantas correntes díspares lida(ram) com o fascismo, essas divergências teriam de se refletir na análise de questão integralista. Duas das grandes vertentes brasileiras explicativas do Integralismo são encabeçada por J. Chasin e Héglio Trindade. Chasin, numa perspectiva marxista, não admite que o fenômeno possa atingir um país economicamente subordinado, predominantemente agrário-exportador, ¹ pois associa o fascismo a uma fase superior de expansão do capitalismo. Trindade, ao dizer que o Integralismo foi um movimento fascista, é acusado por Chasin de querer insinuar que os fenômenos políticos são aprendidos e explicados "sem relação orgânica com o modo de produção em que se manifestam". ² Para ele, o conceito histórico de Trindade "é eventualista, constituindo-se, portanto, numa concepção a-histórica da histórica". ³

É bom frisar, que novas interpretações marxistas a respeito do fascismo, afastam-se da visão economicista de Chasin. É o caso do húngaro Mihaly Vadjá que reconhece o lado político na eclosão do fascismo, quando argumenta que ele obteve sua característica de movimento de massa, por fornecer aparato ideológico e funcional à rebelião conservadora que ora se encetava. Se conservadora nos seus propósitos políticos (em que pese tenha tirado a elite tradicional do poder), Vadjá realmente inova a análise marxista, ao concluir que dado o atraso industrial da Itália, a pobreza de recursos naturais e a imaturidade organizativa das classes trabalhadoras, o fascismo italiano seria a única solução progressiva para suplantam o atraso da península. Numa opção socialista poder-se-ia distribuir melhor as riquezas, mas isto seria feito às custas de uma necessária acumulação de capital.

Como se depreende daí, a explicação do fascismo para o marxismo heterodoxo, é bem mais ampla. Evidentemente que o fascismo é um fenômeno da sociedade capitalista, pois não pugna pela socialização dos meios de produção, tanto é que, a classe média ao apoiar o fascismo, acreditava poder readquirir sua posição sócio-econômica. É também ilustrativo o comportamento da classe operária. Os "neo-operários" oriundos da classe média em descensão, aderiram firmemente ao fascismo, enquanto os "operários-veteranos" permaneceram fiéis aos partidos de esquerda, o que não impedia que o 1o. de maio fosse festejado como dia nacional do trabalhador. Por outro lado, recebeu suporte do capital financeiro local, a despeito de lançar farpas contra o capitalismo financeiro e industrial internacional. A aristocracia o viu com bons olhos, em que pese o fascismo, se considerasse um movimento progressista que almejava desbancar a antiga elite do poder. Esta heterogeneidade foi sua força a curto prazo, mas, também sua fraqueza a longo prazo. ⁴

A experiência fascista é um ótimo caso para se mostrar a possibilidade da autonomia do Estado, i. e., o Estado tem seus próprios interesses que nem sem-

pre se coadunam com certos segmentos sociais ou frações de classe que o apóiam decididamente.

A questão, lembra Vajda, é não cair no conhecido refrão de que o fascismo em *última instância* serviu aos interesses burgueses, pois, no final de contas, qualquer movimento que não queira derrubar por completo o sistema burguês de um modo revolucionário, se adapta ao refrão.

Isso ajudaria muito pouco a explicar o fascismo, pois qualquer fenômeno dentro destes parâmetros poderia ser a ele nivelado. A pergunta chave para Vajda, é *de que modo* ⁵ serviu o fascismo a estes interesses; só assim, o fascismo pode ser entendido em sua plenitude e conseqüentemente diferenciado de tantos outros fenômenos que surgiram dentro de um contexto capitalista. A análise de Vajda difere frontalmente da de Chásin, e juntamente com o excelente trabalho de Trindade abre novas perspectivas para o estudo do fascismo brasileiro.

O CASO BRASILEIRO

Afastada a hipótese de que o Integralismo deixe de ser considerado um movimento de cunho fascista, simplesmente pelo fato do Brasil viver na periferia do capitalismo mundial, nosso próximo passo é investigar se o Integralismo apresenta realmente características que o possam definir como o fascismo brasileiro. Não me preocuparei aqui, com a análise da mobilização popular, dos líderes, da estrutura operacional. Isto já foi feito por outras pessoas. ⁶ O que me interessa no momento é saber que o fascismo teve o seu grande momento e deixou uma significativa bagagem cultural que pode ressurgir noutros movimentos, algo imperceptível para muitos com exceção dos que lidam com o ocorrido. ⁷

A DÉCADA DE 20 E O NACIONALISMO

A década de 20 foi com certeza um dos períodos de maior inquietação vivida pela sociedade brasileira. Nela aguçou-se o movimento operário, o anarquismo foi praticamente aniquilado, deterioraram-se as relações oligárquicas, as indústrias passaram por um processo de modernização, surgiram o Partido Comunista, a revolta dos Tenentes, e o Movimento Modernista, de grande influência sobre os líderes integralistas. Como pano de fundo envolvendo toda esta atmosfera de efervescência cultural e política, havia uma profunda herança de autoritarismo, mercê da influência positivista, que caracterizou a época da Primeira República.

A geração de 20 tinha um elemento em comum: o nacionalismo. Este estava dividido em duas vertentes: o de esquerda e o da direita (havia também o nacionalismo, digamos conservador, de Jackson de Figueiredo, que englobamos na corrente de direita, pois Plínio Salgado foi bastante influenciado por ele). Esta divisão do nacionalismo não é privilégio do Integralismo; alguns italianos "futu-

ristas" aderiram ao fascismo, enquanto a maioria dos franceses surrealistas optaram pela esquerda radical.

O antiimperialismo e a exaltação das virtudes civis e militares, eram idéias pregadas tanto pelos grupos de direita quanto de esquerda. Assim sendo, ao contrário da Europa, não havia tanto espaço para a decepção com o conceito de classe como motor das transformações históricas e o surgimento da imagem da Nação como dinamo da história, passagem tão comum aos intelectuais fascistas europeus.

No Brasil, a vertente nacionalista de direita apoiada no autoritarismo da República Velha, viu surgir graças ao revisionismo de Alberto Torres, duas novas correntes: a do Estado Novo (Oliveira Viana, Azevedo Amaral, Francisco Campos, etc) e a integralista (San Thiago Dantas, Cândido Mota Filho, Jeovah Mota, Rolando Corbizer, Álvaro Vieira Pinto, etc). É exatamente a respeito desta última corrente que queremos analisar, o que ela possuiu de (in)comum com o fascismo em geral.

ELEMENTOS COMUNS

Sem enveredar para a análise da estrutura organizacional altamente hierarquizada, ou para a liderança autocrática e também carismática dos líderes, nem para os rituais do grupo procurei ater-me aos aspectos centrais da ideologia integralista, que só creio podermos entender se estabelecermos um paradigma de referência, baseado no fascismo italiano, através de um programa "mínimo fascista", a seguir:

1) A exemplo do fascismo italiano, a AIB (Associação Integralista Brasileira) como organização era heterogênea, sendo muito mais uma frente do que um partido (havia por exemplo, a justaposição entre o nacionalismo e o espiritualismo).

2) O comando político tanto da massa quanto da elite era obtido através de métodos não racionais: usava-se bastante a ficção e o mito.⁸ A utopia não era utilizada, pois ela é uma construção racional, dando-se preferência ao irracionalismo do tipo bergsoniano.

O grande mérito de Mussolini (fortemente influenciado por Le Bon) na manipulação dos mitos como instrumento político era que, ao contrário de Sorel, não fez do mito um fim, e sim um meio. Para o *Duce*, a massa era motivada principalmente por sentimentos, mas criar um movimento baseado apenas em sentimentos seria um desastre. Daí ter criticado Sorel, porque ele teria gerado apenas uma teoria de organização e motivação de massa, e não uma estratégia normativa para a implementação de uma liderança estratégica. Plínio Salgado captou a lição mussoliniana e soube distinguir a diferença entre uma plataforma ideológica e uma eleitoral.

3) ANTICOSMOPOLITISMO E ANTIURBANISMO

O cosmopolitismo é visto como sinônimo de influência estrangeira, que põe em risco a integridade do nacionalismo integralista. Portanto, é preciso combatê-lo, principalmente onde ele prolifera com facilidade, isto é, nos centros urbanos. A cidade, em especial São Paulo, é uma das grandes responsáveis pela criação de um certo sentido de instabilidade nacional dado o ecletismo de seus habitantes. O homem urbano terminaria, então, por se transformar num "fanteche cosmopolita" ao contrário do caboclo do *hinterland*, que vivendo em contato diário com a Natureza, não teria se corrompido.

Um outro fator que preocupa Salgado é que se a cidade tende a desnacionalizar o país e gerar uma pretensa instabilidade, o comunismo se tornaria então um fenômeno urbano, pois é disso, segundo Salgado, que ele se alimenta.

Depreende-se que o cosmopolitismo deve ser duplamente exorcizado, pois além de ferir frontalmente o caráter do nacionalismo pátrio, introduz pela porta dos fundos o "demônio" comunista.

4) ANTIDIREITOS NATURAIS E ANTIILUMINISMO

Ao invés das idéias abstratas que caracterizavam os séculos pós-Revolução Francesa, os integralistas propunham um "século prático". O integralismo argumentava que essa Revolução teria criado a igualdade política, mas instituído também a desigualdade econômica, favorecendo a burguesia. A "praticidade" da proposta reside no fato de que a AIB pugnava por uma igualdade dos indivíduos, sem influenciar-se no materialismo marxista, mas, numa vaga definição da finalidade superior do homem.

5) ANTLIBERALISMO

A crítica integralista ao liberalismo é bastante parecida com a realizada pelo marxismo: o liberalismo é acusado de mascarar os interesses da burguesia. Além disso, recebe a pecha de ser uma criação antinacional, por ser importado da Europa.

O que está em jogo na verdade é muito menos a validade de um sistema de articulação de idéias que as suas origens. O coronelismo, por exemplo, é de pronto aceito, por ser uma forma política nativa, em que pese sirva ao interesse de um outro segmento desta mesma burguesia.

6) CONCEPÇÃO ORGÂNICA E TOTALITÁRIA DO ESTADO, MOBILIZAÇÃO DE MASSAS E CULTO À AUTORIDADE

O clássico conceito liberal do contrato social para a regulamentação da sociedade é terminantemente repudiado pelo fascismo, que, via a nação e a sociedade, como totalidades orgânicas acima de qualquer indivíduo. Portanto, é inteiramente despropositado, segundo eles, a afirmação de Rousseau de que o homem era livre antes da sociedade ser politicamente estabelecida via Estado, ou fora do mesmo, como pregavam os anarquistas. Enquanto Hegel dava ao Estado um *status* primordial, o fascismo dava ao mesmo, um *status* de exclusividade, não admitindo que nenhum setor da sociedade fosse autônomo. Se Hobbes, influenciado pela física newtoniana, apontava os indivíduos como sendo átomos em constante choque, Gentile negava este "atomismo" ao declarar que "o indivíduo humano não é um átomo. Imanente ao conceito do indivíduo está o conceito de sociedade. . .".⁹

Este sócio-centrismo torna supérfluo a existência de leis naturais ou direitos do homem. O importante passa a ser a consolidação de legítima vontade nacional, vista como um todo uniforme. Zeev Sternhell retrata com precisão o significado da palavra total: "o fascismo se tornaria o primeiro sistema político a se autodenominar totalitário, precisamente porque encerrava todo o campo da atividade sócio-intelectual, porque significava a criação, de uma só vez, de um novo tipo de sociedade e um novo tipo de homem".¹⁰

A mobilização de massa era um ótimo instrumento para se moldar a vontade nacional, pois como lembra Elias Canetti, à medida que os homens se apertam fortemente uns contra os outros, tendem a se sentirem cada vez mais seguros de si, e menos temerosos dos outros. As paradas-monstro, uniformes, hinos, etc., compunham um cenário propício para se exorcizar os últimos íncubos individualistas.

Regendo esta liturgia estava o *chefe*, que municiaava as necessidades da multidão.

Ela era vista por Mussolini como uma "ovelha" que precisava de um líder para guiá-la. A irracionalidade das massas já decantada por John Stuart Mill, chegou a Mussolini através de Gustave Le Bon.

Enquanto o pensador inglês procurou educar a massa com receio que ela viesse um dia a se tornar o que se tornou nas mãos de um líder carismático, Mussolini trilhou um caminho distinto. Negando o princípio democrático da autonomia dos indivíduos, tão caro a Mill, o *Duce* não hesitava em dizer que um regime ditatorial não precisava apenas de uma guarda pretoriana, mas, de uma alíquota de crédulos fanáticos.¹¹ A capacidade de crítica e busca da verdade pertenceria a uma minoria, e a massa responderia pelo fornecimento de sentimento e entusiasmo. Havia assim, um relacionamento bilateral: a massa necessitava de uma autoridade que interpretasse as suas vagas aspirações, e o "herói" precisava do material humano disposto e sequioso de ser moldado.¹²

7) ANTICAPITALISMO

Defendiam a propriedade privada, mas não o capitalismo, pois não o associavam a um modo de produção (não invalidavam a armação da sociedade de classe), e sim, ao desmedido argentarismo. A análise integralista adiciona mais uma pitada de originalidade, ao também responsabilizar o capitalismo pela ameaça ao princípio da propriedade privada, pois colaborava com o marxismo na proletarização das classes médias, na medida que destruíra o pequeno produtor.

8) EXALTAÇÃO DA JUVENTUDE, LUTA, DINAMISMO, VIRILIDADE, PERIGO E VIOLÊNCIA ¹³

Herdaram a concepção soreliana que queria criar uma série de "lutadores" que veriam a vida como uma forma de luta e não como uma espécie de saber. O dito de Mussolini, "nós somos contra a vida fácil", ¹⁴ é sintomático. O Homem fascista amava a sensação do perigo, e gostava de arriscar-se na base do tudo ou nada. Daí ter ele desenvolvido um sentido de autoconfiança, e irradiado um sentido de entusiasmo grupal. A virilidade do jovem fascista contrastava com a imagem do burguês barrigudo, glutão e tomador de bebidas.

É curioso notar que o fascismo enfatizava o papel da juventude, por também associá-la a uma nova força moral do século XX. O comunismo, socialismo e liberalismo, eram as ideologias dos pais e avós, que não tinha dado certo. Como diria Oswald Mosley, "a real divisão política da geração passada não ocorreu entre partidos, mas entre gerações". ¹⁵ Só uma revolução jovem seria capaz de implantar um ideal jovem: o fascismo.

O Integralismo, por sua vez, usou das mesmas armas empregadas pelo fascismo italiano contra as ideologias julgadas anacrônicas. Na tentativa de firmar-se como o que havia de novidade em termos ideológicos, também apelou para a juventude; promulgou-se a ideologia do século XX, e deslegitimou o fascismo no sentido temporal, retrocedendo-o ao século XIX, século também do comunismo, socialismo e liberalismo.

Similarmente ao fascismo italiano, o Integralismo quando tornou-se um partido, decepcionou ideologicamente, muitos de seus seguidores originários, pois teve de abandonar alguns de seus princípios ao negociar com Getúlio Vargas, a chegada ao poder. Isto é uma prova significativa de que os movimentos fascistas, para surgirem, precisam de um mínimo grau de liberdade política. Onde há ditadura, dificilmente há um movimento fascista nítido (vide a Europa Oriental e os países balcânicos). Por outro lado, o Integralismo pagou caro esta negociação com Vargas.

Porém, Plínio Salgado e companheiros não atentaram para o fato de que a mera existência de um índice razoável de tolerância política, não é garantia *per se* de ascensão do fascismo. Obviamente, ao abdicarem de sua fase "revolucionária" aderindo a mudanças no programa partidário, acreditavam que este

seria o caminho mais curto — mesmo pagando um pesado preço ideológico — para obterem o poder político da Nação, parcial no momento, mas total no futuro.

Tal estratégia, contudo, obscureceu certos fatores estruturais e conjunturais, que ajudam a explicar o fiasco integralista de realizar um *coup d'État*. Explico. Primeiramente, é importante se observar: em que pese não seja um fator suficiente, que o fascismo eclodiu com sucesso em lugares onde a burguesia se sentiu temerosa de graves perturbações na ordem sócio-econômica. Basta que nos lembremos do movimento Spartakista na Alemanha e da ocupação das fábricas, aliado ao domínio "vermelho" no interior da Itália na região do Vale do Pó. No Brasil, a Intentona Comunista foi um episódio de pequenas dimensões facilmente debelado, que serviu mais para efeitos propagandísticos, de que para assustar o grosso da opinião conservadora. Em segundo lugar, o efeito de massa obtido pelo fascismo, deveu-se em doses significativas a sua capacidade de criar uma ideologia conservadora-reformista e um aparato organizacional capaz de canalizar os anseios da época. Ora, Vargas com o Estado Novo extinguiu um dos pilares do apelo integralista ao extirpar da vida política brasileira a democracia liberal e reorganizar o aparelho democrático-estatal, dando sinais de redirecionamento ideológico. Ao tomar posições de direita, Vargas passou a ser o grande concorrente da mensagem integralista, e agiu concorde com este seu posicionamento, refletindo as aspirações corporativistas do grosso da classe média. Não quis institucionalizar a AIB pois sabia que terminaria perdendo a parada. O Partido Integralista foi visto aos olhos de Vargas como uma espécie de leão-de-chácara, que seria dispensado depois de cumprir seus serviços, isto é, obtido apoio da AIB para o golpe de 37, após uma hábil manobra de cooptação política, era hora de dizer adeus.

Esta querela é algo que ocorre em países onde os movimentos surgem dentro de um quadro autoritário. Nesse caso, os líderes de partidos tradicionais unem-se ao autoritarismo, para acabar com a ameaça fascista (é preciso que se entenda que o autoritarismo e o totalitarismo não são fenômenos simétricos, e que o fascismo ascende mais tranquilamente em países com razoável dose de democracia). Por isso mesmo não devemos nos surpreender ao constatarmos que quem desmantelou a AIB não foram seus adversários donos de ideologia antagônica, e sim as próprias elites tradicionais, temerosas de perderem o controle do aparato estatal.

ELEMENTOS DISTINTOS

1) O conceito de nacionalismo adotado pelos integralistas era diferente em relação ao fascismo italiano *per se*. Para Salgado e seus companheiros, o nacionalismo deveria ser defensivo e não ofensivo. As razões eram óbvias. As crises e tensões originárias na década de 20 no Brasil, que terminaram por levar à criação da AIB, não encontraram camadas sociais desesperadas, frustradas e violentas, como as que existiam na Europa pós-guerra. Destarte, não havia no Brasil

o nacionalismo apaixonado e irreal de oficiais e soldados que retornavam de uma amarga derrota. Faltava este elemento romântico, eternizado na figura do piloto de caças de guerra.

Afora isto, eles criticaram o nacionalismo italiano por ser um simples instrumento de expressão política, ao invés de um fim. Some-se a estas críticas a acusação de que este nacionalismo possuía traços jacobinistas, por ressaltar o aspecto intelectual em detrimento do sentimentalismo, marca indelével do nacionalismo integralista — “tupi”. Este tipo de jacobinismo levaria ao isolamento dos indivíduos e a posterior desagregação da sociedade, ao contrário da mensagem tupi, que, inspirada no índio e na sua ausência de preconceitos, levaria o Brasil a suplantar os laivos de influência exógena e garantiria a predestinação histórica de nossa terra.

O telurismo político acentua-se quando o integralismo introduz um dado inusitado para justificar suas pretensões melioristas: a *geopolítica* e *geomorfologia*. Noutros termos, Salgado via uma íntima relação entre a predestinação social brasileira e o “destino geológico de nosso continente sul-americano”,¹⁶ onde o Brasil seria o depositário do futuro e o integralismo se encarregaria de arregimentar as pessoas para executarem tal presságio.

Contudo, influenciado pela abordagem dualista de Oliveira Vianna, o líder integralista dividia o Brasil em duas partes: o *Brasil-formal* (europeizado, liberal, democrata e constitucionalista) e o *Brasil-essencial* (nacional, intuitivo e anticósmopolita). Este era o Brasil do futuro; embora primitivo, deveria ser paulatinamente moldado com vistas a executar a sua missão de predestinação. O sucesso dessa missão residiria na capacidade do *Brasil-essencial* saber exigir — com respaldo do nacionalismo integralista — um Estado forte, autoritário e antiliberal, capaz de sobrepor-se ao “formalismo” obsoleto do outro Brasil. O nacionalismo integralista deveria ser, em suma, uma síntese das partes material, moral, intelectual e espiritual de um povo.

2) Se existe um traço que destaca eminentemente o Integralismo, trata-se do espiritualismo. Se os fascismos em geral, queriam a separação da Igreja/Estado, o Integralismo aproximou-se nesse ponto do fascismo romeno (que se aliava à tradicional Igreja Grega Ortodoxa), e aos fascismos conservadores — portugueses (salazarismo), espanhol (falangismo) e ao belga (rexismo) —, muito mais do que do vago espiritualismo italiano ou do agnosticismo nacional-socialista germânico.¹⁷

A afirmação de Salgado de que o Estado Integralista é o “Estado que vem de Cristo, inspira-se em Cristo, age por Cristo e vai para Cristo”,¹⁸ espelha com clareza esta característica inusitada do fascismo brasileiro, demonstrando a sua linguagem bíblica. O líder integralista se considera herdeiro do tradicionalismo católico de Jackson de Figueiredo, e, ao reivindicar a Ordem e Autoridade, não hesitava em afirmar que o Cristianismo é quem dava o sentido do processo civilizatório.¹⁹ Essa aliança não foi apenas de cunho ideológico. A Igreja Católica e sua imprensa ajudaram significativamente a AIB a se estruturar em todo o país. A mais alta hierarquia católica, entretanto, teve o cuidado de evitar que a AIB se identificasse por completo com a Igreja Católica. “De um lado porque o próprio integralismo não se resumia ao tradicionalismo católico, mas abrigava igual-

mente outras vertentes autoritárias nem todas simpatizantes dessa subordinação à Igreja. De outro lado porque Getúlio Vargas sempre negociou diretamente com a Igreja e nunca por intermédio da Ação Integralista. 20

O importante a salientar é que Salgado canalizando o sentimento de religiosidade brasileiro, soube explorar o fato de que os católicos durante a Primeira República detiveram posições secundárias, já que não conseguiram criar um partido. Por isso mesmo estavam dispostos a novas mudanças, afetando Salgado, que resolveu abandonar os meios sorelianos pela técnica cristã de convencimento.

3) A AIB, ao contrário do fascismo italiano, surgiu relativamente tarde pois foi criada na década de 30 e não de 20. Evidentemente que o Brasil não passou pela séria crise do final do século XIX, quando vários intelectuais que já haviam se insurgido contra o liberalismo, abandonam o socialismo *revolucionário* pelo *ético*. Descobrem como o proletário é frágil, e a nação forte: tornam-se fascistas.

A intelectualidade brasileira seguiu caminhos outros. Plínio Salgado e Miguel Reale foram das figuras exponenciais da AIB, as que tiveram um passado marxista mais forte. Como não havia no Brasil um forte movimento de classe operária tipo europeu e a sociedade local estava impregnada de autoritarismo positivista e da mentalidade patrimonialista, os quadros de recrutamento da intelectualidade integralista demonstram que o próprio fato do fascismo já ser algo concreto no além-fronteira, influenciou àqueles que procuravam mudanças. Em síntese, enquanto os intelectuais italianos que criaram o fascismo como ideologia *fundamental* dificilmente puderam se influenciar pelo fascismo como ideologia *operacional* 21 (no sentido *ex post facto*), os integralistas tinham uma experiência a consultar e a lhes guiar.

4) O integralismo esforçou-se exatamente para não ser visto como um mero apêndice do fascismo europeu. Para Plínio Salgado, o Integralismo operava concomitantemente uma revolução *objetiva* de recrutamento de massa (transformando o espírito nacional via práxis) e uma revolução subjetiva, cultural e de consciência. Daí crer Salgado que o Integralismo era um passo adiante no sentido da consecução da grande e perene revolução do espírito humano.

Só aos adeptos do Integralismo estaria a possibilidade de atingir o ápice da evolução espiritual. Salgado, tão crente na veracidade de seus fundamentos, chegou a dividir a humanidade em quatro fases: da caverna ao politeísmo, daí ao monoteísmo e chegando ao integralismo. Este último estágio expressaria uma era de novos padrões culturais, éticos e de administração. A história termina aí: depois dessa quarta fase, não há nada de mais completo, antes dela só o mesmo o fascismo.

Salgado definiu o fascismo como um momento de transição, que marcharia em direção ao Integralismo, pois este era a síntese do século 20, enquanto aquele era o fruto anacrônico do século XIX. De receio de parecer apenas um apêndice do fascismo, o integralismo brasileiro então, reverteria as tendências em voga e influiria sobre a Europa, quando esta tivesse a altura de entender a sua mensagem, transformando-se na ideologia dos novos tempos.

5) O anti-semitismo não é uma característica central de todos os movimentos fascistas, em que pese apareça nesses sempre com frequência. A própria elaboração de uma ideologia anti-semita, através do seu principal expoente Gustavo Barroso, diferiu da dos adeptos do fascismo italiano ou do nacional-socialismo alemão.

O fascismo como *ideologia fundamental* jamais pugnou o anti-semitismo. Inclusive notáveis ideólogos de origem judaica como Ludwig Gumplawicz, Robert Michels e Angelo Oliviero Olivetti deram substancial contribuição para a elaboração da ideologia fascista. O próprio Mussolini chegou a declarar de público que "sete dos fundadores do nacionalismo italiano tinham sido judeus", 22 e intercedeu a favor de Henri Bergson quando este foi perseguido. Mesmo após a promulgação de uma legislação fascista anti-semita, ele deixou que os judeus ocupassem importantes cargos oficiais, e só posteriormente adotou uma posição discriminatória. 23

O racismo italiano, ao contrário do alemão, não se baseou em caracteres genéticos e, por isso mesmo, jamais admitiu a qualificação de raça superior ou inferior. A ênfase era no aspecto nacional, pois os fascistas queriam restabelecer uma "nova consciência nacional" ao recuperar a pureza da raça italiana (referem-se ao período da Roma Antiga), e o papel do fascismo seria propiciar o ambiente ideal para este, digamos, resgate nacional.

Se o anti-semitismo nazista era calcado em *valores biológicos* e o fascismo em *caracteres nacionais*, a vertente racista integralista fundamentava-se em *aspectos econômicos*. Há boas razões para isso. Aceitar o conceito de uma raça superior pura, além de representar um prejuízo cultural, era inviável em um país tão etnicamente miscigenado como o Brasil. Quanto ao resgate nacional, havia a constante evocação na literatura integralista ao espírito desbravador e pioneiro dos bandeirantes. No entanto, essa ênfase era muito mais para acentuar a importância do contato homem-natureza-ação, do que para recuperar uma pureza espiritual *per se*. Restava então o fator econômico que noutros fascismos era efeito e que aqui se transforma em causa. Antes de discorrer sobre a análise de Gustavo Barroso, convém frisar que esta não era a concepção dominante dos quadros integralistas.

Barroso tenta achar uma resposta para o depauperamento da economia brasileira. Este empobrecimento verde-amarelo seria devido à manipulação da economia mundial pelo capitalismo internacional, apátrida como o judeu. Este capitalismo cosmopolita teria feito empréstimos extorsivos ao Brasil, que terminaram por criar um novo tipo de "dependência", advinda do fato de que ontem como hoje, se os empréstimos não são resgatados na data certa, o serviço da dívida (juros, comissões, etc) se encarrega de aumentar, pelo menos, o valor absoluto da quantia emprestada.

Segundo Barroso, os grandes banqueiros de então eram judeus e conseqüentemente, era preciso romper o círculo vicioso deste "imperialismo argentino judaico". 24 Advogando um Estado forte e tendo surgido de fora dos quadros da política Republicana, o Integralismo seria para Barroso a solução ideal para o rompimento das amarras que entravavam o desenvolvimento de uma política econômica genuinamente nacional. Some-se ao "panjudaísmo materialis-

ta" barrosiano, o receio da contaminação do mundo, e do Brasil em particular, pela decadência ideológica do judaísmo, capaz de se associar com anarquistas e comunistas. A "judeofobia" de Barroso é bem sentida neste trecho: "Durará isso para sempre? Será esse o nosso trágico destino? Seremos servos humildes do judaísmo capitalista de Rotschild ou escravos submissos do Judaísmo comunista de Trotski, pontos extremos da oscilação do pêndulo judaico no mundo? Ou encontraremos no fundo da alma nacional aquele espírito imortal de catequisadores, descobridores, bandeirantes, e guerreiros, único que nos poderá livrar de ambos os apocalipses?". 25

Em que pese a argumentação de Barroso seja empiricamente falsa, e lembre em algum sentido o linguajar dos "Protocolos dos Sábios de Sião", não deixa de ter sido uma tentativa de dar ao Integralismo uma visão própria dos problemas do mundo, sem se limitar a copiar automaticamente aquilo que a herança fascista lhe oferecia gratuitamente.

NOTAS DE REFERÊNCIA

- 1 CHASIN, J., *O Integralismo de Plínio Salgado*, p. 38
- 2 Ibid., p. 43
- 3 Ibid., p. 45
- 4 AVINERI, Shlomo, *Reshut Harabim*, p. 218
- 5 VADJA, Mihaly., *Fascism as a mass movement*.
- 6 TRINDADE, Hégio., *Integralismo — o fascismo na década de 30* pp 7-72; 129-198.
- 7 LINZ, J. J. in: Laqueur, Walter., *Fascism: a reader's guide* p. 23
- 8 SALGADO, por exemplo, afirmou que a Grécia era o "gênio da mediocridade porque lá nasceu a lógica". CHASIN, J., op. cit., p. 33.
- 9 STERNHELL, Zeev., in: LAQUEUR, Walter, *Fascism: a reader's guide* p. 364
- 10 Ibid., p. 354-5
- 11 GREGOR, A. James., *The ideology of fascism*, p. 120
- 12 Ibid., p. 160
- 13 Eis um texto bem significativo do Movimento Futurista Italiano: "Nós queremos cantar o amor ao perigo, à violência... nós queremos glorificar a guerra — a única cura para o mundo — militarismo, patriotismo... nós cantaremos para as multidões agitadas pelo trabalho, prazer e revolta".
- 14 STEMHELL, Zeev, op. cit., p. 358
- 15 Ibid., p. 356
- 16 MEDEIROS, Jarbas., *A Ideologia Autoritária do Brasil* — p. 398
- 17 TRINDADE, Hégio., — *Integralismo...*, p. 200
- 18 CHASIN, J. — *O integralismo de...*, p. p. 158
- 19 SOUSA., Francisco Martins de, *O Integralismo*, p. 106
- 20 Ibid, p. 106
- 21 Os termos ideologia fundamental e operativa foram cunhados por Martin Seliger, para distinguir os objetivos finais de uma ideologia dos princípios postos

em prática por determinado partido ou regime. Vide, Seliger, Martin., in: Cândido (org.), *The controls of technocracy*, p. 285. Para um ótimo emprego desses termos num contexto fascista, vide, Sternhell, Zeev., in: Laqueur Walter., *Fascism: a reader's guide*, p. 330. Segundo Sternhell, desvios na ideologia fundamental é algo universalmente comum, e o fascismo não é uma exceção, principalmente por ter uma mensagem revolucionária.

- 22 GREGOR, A. James, *The ideology of fascism*, p. 278
- 23 GREGOR, A. James, op. cit. p. 278
- 24 SOUZA, Francisco Martins de — op. cit. p. 98
- 25 Ibid, p. 98

